

Evangelho de Lucas

Notas para Aula
Escola de Formação de Agentes de Pastoral
Diocese de São Carlos

Jorge Nicolau dos Santos

INTRODUÇÃO

Como os sinóticos, o evangelho segundo Lucas apresenta junto com eles uma mesma estrutura. Apresentam entre si semelhanças tais que, muitas vezes, podem ser postos em colunas paralelas e abarcados “com um só olhar”.

A Tradição Eclesiástica o atesta desde o século II.

O terceiro evangelho revela, com singular beleza e graça, a sabedoria dos simples. É uma obra voltada para o pobre, a mulher, o pagão, o doente, o excluído.

PERFIL DO AUTOR

A tradição intitulou este evangelho “segundo Lucas”. O nome aparece em Fm 24 e 2ª Tm 4,11, como em Cl 4,14. A identificação não é improvável.

O primeiro documento conservado que atesta a tradição da autoria lucana é o Fragmento de Muratori da segunda metade do século II, por volta de 180 d.C. Não foi testemunha direta da vida de Cristo (Lc 1,1ss), mas discípulo de Paulo, a quem associou-se em trechos da segunda e terceira viagens missionárias (At 6,10-17; At 20,5-15; At 21,1-18; At 27,1–28,16), acompanhando-o no primeiro e segundo cativo romano (Fm 24; 2ª Tm 4,11; Cl 4,14).

Lucas é o único autor “pagão” (não semítico) do Novo Testamento, convertido ao cristianismo, provavelmente nascido em Antioquia da Síria segundo alguns, onde teria se encontrado com São Paulo. Por causa de seu bom conhecimento da Sagrada Escritura, há a hipótese remota de ter sido um “prosélito” (convertido ao judaísmo) ou um “temente a Deus” (pagão simpatizante do judaísmo e adorador do Deus Único).

É médico, (Cl 4,14), e muitos são os indícios sobre sua inclinação para a medicina:

- faz referências ao conhecimento da medicina nos relatos de cura, empregando termos apropriados e descrevendo

- doenças em seu Evangelho, como em Lc 22,44 (o suor sanguíneo de Jesus);
- abranda muito o juízo pessimista de Marcos contra os médicos em Lc 8,43 || Mc 5,25s;
 - descreve os sintomas dos enfermos com particular atenção, como em Lc 8,27-29 (endemoninhado geraseno), em Lc 9,38ss (endemoninhado epilético), em Lc 13,11-13 (mulher encurvada), em Lc 4,38 (cura da sogra de Simão) e em Lc 22,50s (só ele conta a restituição da orelha de Malco);
 - no seu Evangelho Jesus é apresentado como médico divino (Lc 4,23), com a força do Senhor para curar (Lc 5,17), de quem sai uma força que a todos curava (Lc 6,18s), possuidor do poder de curar que é dispensado aos discípulos (Lc 9,1s).

É um excelente escritor, extremamente culto e sábio, possuidor de um estilo do grego mais erudito e cuidadoso do que o de Marcos ou Mateus.

DATA DE COMPOSIÇÃO

O autor tem notícia da destruição de Jerusalém, que ocorreu em 70 d.C., mas não da severa perseguição de Domiciano (81-96 d.C.) que se iniciou pouco antes da morte deste, em 90 d.C. Parece viver a tensão crescente e a rejeição próxima por parte da sinagoga, cuja ruptura definitiva aconteceu com o Sínodo de Jâmnia, em 85 d.C.

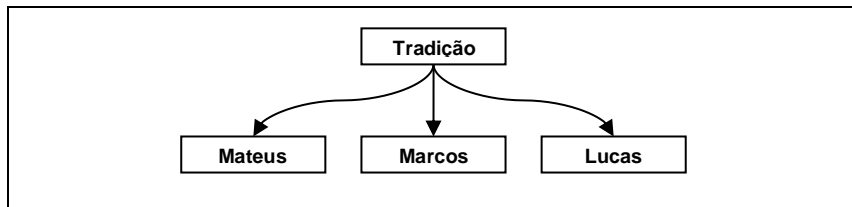
Esses dados sugerem como hipótese provável da data de composição a década 80-90 d.C.

FORMAÇÃO E RELAÇÕES LITERÁRIAS

Para discutir sobre as etapas da formação do evangelho de Lucas e suas relações literárias com outras obras, devemos introduzir a chamada Questão Sinótica.

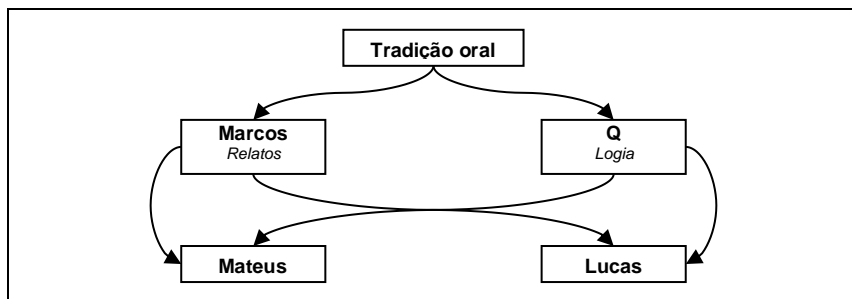
A primeira hipótese é de que o Evangelho de Lucas, assim como os outros dois evangelhos sinóticos, teria como origem uma

tradição oral comum, e seus autores a teriam posto por escrito de modo independente e por isso mesmo forçosamente variado.



Essa hipótese é em si verossímil, mas não poderia explicar as semelhanças numerosas e marcantes entre os evangelhos, tanto em detalhes dos textos como na ordem das perícopes, que excedem as capacidades de memória mesmo dos orientais.

Partindo dessas observações, a crítica moderna criou a teoria das Duas Fontes. Segundo essa teoria, o evangelho de Lucas teria como uma primeira fonte o evangelho de Marcos, de quem dependeria em seus *Relatos*. Os discursos e palavras, chamados *Logia*, teriam origem em outra fonte, desconhecida, mas exigida como postulado, a qual se denomina Q (inicial da palavra alemã “*Quelle*”).



Essa hipótese não é ainda inteiramente satisfatória, pois não leva em conta alguns dados do problema, como o fato do evangelho

de Lucas ser em alguns pontos mais primitivo que o evangelho de Marcos, ou o fato do Evangelho de Lucas e de Mateus terem concordâncias notáveis entre si que vão contra o evangelho de Marcos, opondo-se assim à sua dependência comum. E a procura por reconstituir da fonte Q a partir dos *Logia* de Mateus e Lucas leva a pelo menos duas fontes diferentes, uma coerente com o paralelismo de Mateus e Lucas e outra concentrada em Lucas e esparsa em Mateus.

Com essas observações, a gênese do evangelho de Lucas certamente deve ter uma explicação mais complexa e completa.

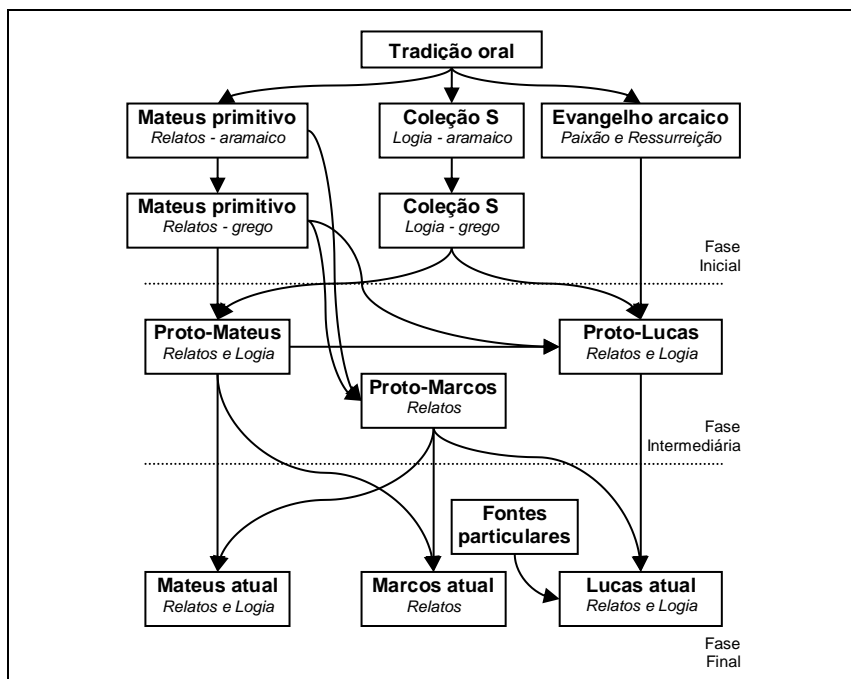
Na base de tudo está a pregação oral dos apóstolos, querigmática, acompanhada de relatos mais detalhados inicialmente da paixão (que cedo deve ter assumido uma forma estereotipada) e posteriormente de histórias da vida do Mestre.

Após a fase apostólica, surge a preocupação de conservar por escrito essas tradições orais, aparecendo um primeiro evangelho escrito em aramaico e que nada impede de atribuir a Mateus (de acordo com o que diz a Tradição). A esse evangelho primitivo de Mateus junta-se outra fonte, a coleção chamada S (inicial da palavra francesa “*Source*”), de autor ignorado, ainda escrita em aramaico e que reunia uma coleção de *Logia*. Essas duas obras logo foram adaptadas para o grego, visando os irmãos de origem pagã, produzindo assim duas novas obras. A essas fontes soma-se um outro evangelho arcaico com os relatos estereotipados da paixão e da ressurreição. Temos então cinco documentos básicos numa etapa inicial.

Numa etapa intermediária, a tradição marcialiana se baseou no evangelho primitivo de Mateus, notadamente na sua versão grega, para redigir seu evangelho numa forma intermediária. Esse evangelho intermediário de Marcos juntamente com coleção S grega foram a fonte para a tradição mateana elaborar com muito tato uma nova redação intermediária do seu evangelho.

Ainda na etapa intermediária, a tradição lucana começa a redigir o seu evangelho, utilizando como fontes o evangelho primitivo de Mateus na sua versão grega, o evangelho intermediário de Mateus, a própria coleção S, e o evangelho arcaico da paixão e ressurreição também compartilhado pela tradição joanina. O proto-evangelho de Lucas produzido ainda não conhecia o evangelho intermediário de Marcos.

Numa etapa final, o evangelho de Mateus foi profundamente refundido pela tradição mateana com o auxílio do evangelho intermediário de Marcos, chegando à sua versão final. O evangelho de Marcos foi por sua vez revisado utilizando com fonte o evangelho intermediário de Mateus e sofrendo influências paulinas. E finalmente o evangelho de Lucas encontrou a sua forma definitiva introduzindo seções marcianas em seu evangelho, utilizando como fonte o evangelho intermediário de Marcos, além de fontes particulares as quais ele deve muitas pérolas de seu evangelho, como o evangelho da infância, o bom samaritano, Marta e Maria, o fariseu e o publicano, o filho pródigo etc.



Parte do conteúdo presente em todos os três evangelhos sinóticos é chamada de tripla tradição. Isso inclui a maioria das narrativas sobre os eventos da vida de Jesus, do seu batismo à descoberta do túmulo vazio. Também incluem algumas parábolas

como a do grão de mostarda. A tripla tradição é responsável por 76% do texto de Marcos. Parte desse material está presente em quase todos os evangelhos, algumas vezes com pequenas variações, ou ainda alguns casos notáveis chamados “acordos menores”, aonde Mateus e Lucas entram em acordo entre si na estrutura de palavras diferindo de Marcos.

A dupla tradição (200 versos) explica o material compartilhado entre Mateus e Lucas, porém ausentes em Marcos. Esse conteúdo consiste quase que inteiramente nos discursos e ensinamentos de Jesus, e inclui a maior parte do Sermão da Montanha e a maioria das parábolas. Adicionalmente, a dupla tradição inclui três versos (Mt 3,8-10) que são atribuídos a João Batista, (o último verso desse grupo aparece em Mt 7,19, atribuído a Jesus), e por fim a história do servo do centurião (Mt 8,5-13).

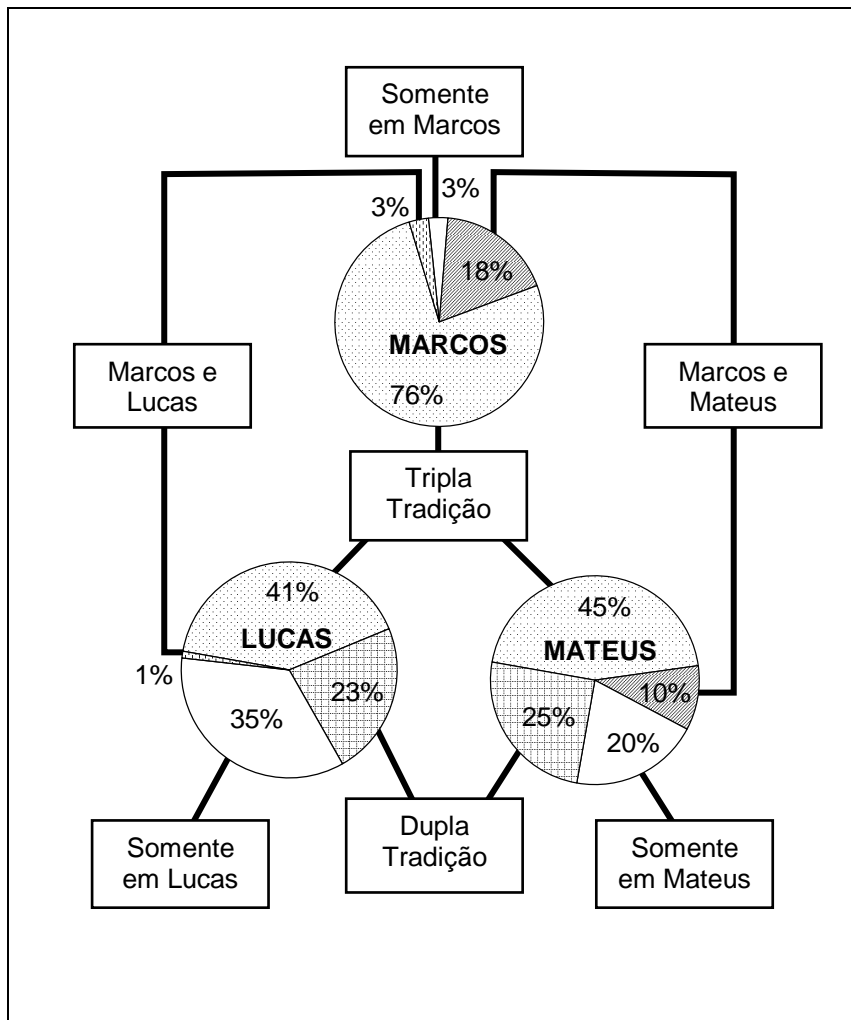
O material de Marcos-Mateus, compartilhado entre ambos, inclui a história da morte de João Batista, diversos milagres (incluindo uma das duas ocorrências de alimentando multidões, a versão expandida do texto sobre a proibição do divórcio (Mt 19,1-8), e a narração da morte de Jesus (Mc 15,34-41).

O material de Marcos-Lucas é limitado a um incidente isolado em Cafarnaum, envolvendo um exorcismo. (Mc 1,21-28).

O material exclusivo de Marcos consiste em 40 versos, incluindo entre outros, Mc 3,20-21, a parábola da semente e da colheita (Mc 4,26-29), dois milagres (Mc 7,31-37 e Mc 8,22-26), dois fragmentos sem significação óbvia em Mc 9,49 e Mc 14,51-52, e o verso em Mc 16,8, no qual há a declaração da mulher que descobriu o túmulo vazio e não disse nada a ninguém.

O material exclusivo de Mateus ou Lucas é bastante extenso. Este inclui dois distintos, porém similares factos sobre a genealogia de Jesus, duas narrativas distintas de nascimento, e duas narrativas sobre a ressurreição. Mateus adiciona diversas declarações ao Sermão da Montanha, várias parábolas (incluindo a parábola do credor incompassivo, a parábola das ervas daninhas e a parábola dos trabalhadores da vinha), a profecia do julgamento final (Mt 25,31-46), e descreve o suicídio de Judas Iscariotes. Lucas também traz múltiplos milagres e parábolas exclusivas (exemplo: A parábola do Bom Samaritano). Muitos detalhes dos últimos dias de Jesus somente podem ser encontrados em Mateus e Lucas. Por exemplo, Mateus é o único evangelho que declara que Jesus entrou em Jerusalém sobre

dois animais (Mt 21,2-7). Mateus é o único evangelho que declara que o túmulo de Jesus foi guardado por soldados. Lucas é o único evangelho que relata que um dos ladrões crucificados próximo a Jesus se arrependeu e recebeu de Jesus a promessa do Paraíso. (Lc 23,40-43).



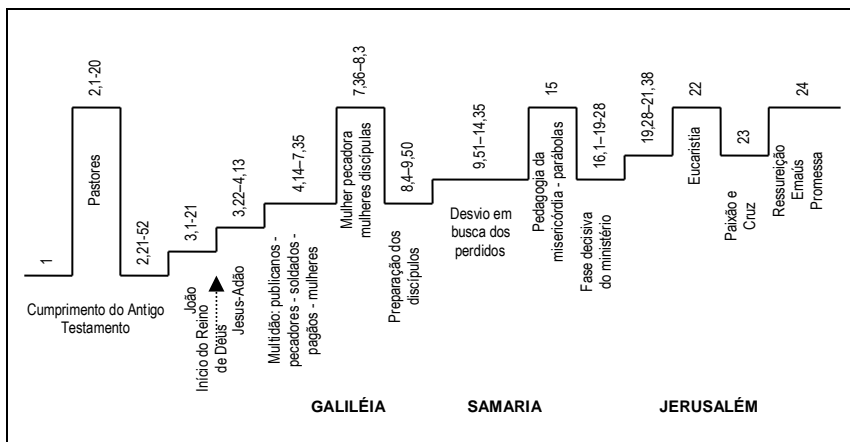
ESTRUTURA DA OBRA

O evangelho de Lucas possui um crescente narrativo, com alguns pontos altos marcantes.

O terceiro evangelho tem três partes bem distintas. A primeira se desenrola na Galiléia, onde Jesus começa o seu ministério: realiza curas, milagres, pregações. A segunda parte inclui a viagem a Jerusalém, e a terceira parte o ministério em Jerusalém.

O que mais sobressai na estrutura da obra, segundo opinião comum, é a grande viagem ascensional, da Galiléia para Jerusalém.

O diagrama a seguir ilustra uma possível subdivisão da estrutura da obra.



A tabela seguinte mostra uma estrutura detalhada do conteúdo da obra.

Prefácio (1,1-4)		
Narrativas do Nascimento e Infância	Anunciação e resposta	<ul style="list-style-type: none"> • Zacarias e o anúncio do nascimento de João (1,5-25) • Maria e o anúncio do nascimento de Jesus (1,26-38) • Isabel e Maria: O Magnificat (1,39-56)
	Nascimentos	<ul style="list-style-type: none"> • Nascimento de João (1, 57-66) • Bênção de Zacarias: O Benedictus (1,67-80) • Nascimento de Jesus (2,1-21)
	Jesus no Templo	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de Jesus: O Nunc Dimittis (2,22-40) • Casa do Pai (2,41-52)
Prepara-ção para o Ministério	Ministério de João Batista	<ul style="list-style-type: none"> • A voz no deserto (3,1-6) • A pregação de João (3,7-18) • Prisão de João (3,19-20)
	Surgimento de Jesus	<ul style="list-style-type: none"> • O Espírito Santo confirma Jesus (3,21-22) • Genealogia (3,23-38) • Tentação (4,1-13)
Ministério na Galileia	Jesus volta para casa	<ul style="list-style-type: none"> • Discurso inaugural (4,14-30) • Em Cafarnaum: pregação e milagres (4:31-44)
	Discípulos e oponentes	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiros discípulos (5,1-11) • Cura do leproso e fama (5,12-16) • Cura, perdão e controvérsia (5,17-26) • Chamado de Levi e outras tensões (5: 27-39) • Jesus e as leis do sábado (6: 1-11) • Escolha dos doze (6,12-16)
	Sermão da Planície	<ul style="list-style-type: none"> • As multidões em busca (6,17-19) • Bem-aventuranças (6,20-38) • responsabilidade pela resposta fiel (6,39-49)
	Natureza do ministério de Jesus	<ul style="list-style-type: none"> • O empregado do centurião: poder e fé (7,1-10) • O filho da viúva de Naim: um profeta entre nós (7,11-17) • Discípulos de João (7,18-35) • Unção em casa do fariseu: a natureza do perdão (7,36-50)
	Ensinar em toda a Galileia	<ul style="list-style-type: none"> • As mulheres discípulas (8,1-3) • Parábola do semeador (8,4-15) • Lâmpada no candelabro (8,16-18) • Mãe e irmãos verdadeiros (8,19-21) • Tempestade acalmada (8,22-25) • O geraseno possuído: a autoridade sobre o mal (8,26-39) • A cura da filha de Jairo: a autoridade sobre a morte (8,40-56)
Transição: discipulado e testemunho	Prenúncio de mudança	<ul style="list-style-type: none"> • Missão dos doze (9,1-6) • Herodes pergunta sobre Jesus (9,7-9) • Multiplicação dos pães (9,10-17) • Profissão de fé de Pedro: (9,18-20) • Primeiro anúncio da paixão (9,21-22) • Natureza do discipulado (9,23-27) • Transfiguração (9,28-36) • Cura do endemoniado epilético: espanto e avisos (9,37-42) • Segundo anúncio da paixão (9,43-45) • Quem é o maior (9,46-48) • Exorcista desconhecido (9,49-50)

A caminho de Jerusalém	Preparativos para a jornada	<ul style="list-style-type: none"> • Firme decisão (9,51) • Má acolhida na Samaria (9,52-56) • Natureza do discipulado (9,57-62) • Missão dos setenta e dois (10,1-16) • Retorno dos setenta e dois discípulos (10,17-20) • Evangelho revelado aos simples (10,21-24)
	Amor, misericórdia e escuta	<ul style="list-style-type: none"> • Desafio de um legista (10,25-28) • Parábola do bom samaritano (10,29-37) • Marta e Maria (10,38-42)
	Ensinar em oração	<ul style="list-style-type: none"> • Pai Nosso (11,1-4) • Parábola do amigo inoportuno (11,5-8) • Eficácia da oração (11,9-13)
	Crescente conflito e controvérsia	<ul style="list-style-type: none"> • Jesus e Belzebu (11,14-28) • O sinal de Jonas (11,29-32) • Dois ditos sobre a lâmpada (11,33-36) • Ais contra fariseus e legistas (11,37-54)
	Explicando o discipulado	<ul style="list-style-type: none"> • Advertência contra a hipocrisia (12,1-3) • Confessar sem temor (12,4-20) • Parábola do rico insensato (12,13-21) • Abandonar-se a providência (12,22-34) • Prontidão para o retorno do mestre (12,35-48)
	Julgamento e prestação de contas iminente	<ul style="list-style-type: none"> • Jesus, causa de divisões (12,49-53) • Os sinais dos tempos (12,54-59) • Convite ao arrependimento (13,1-5) • Parábola da figueira estéril (13,6-9)
	A natureza do reino de Deus	<ul style="list-style-type: none"> • Cura da mulher encurvada e controvérsia (13,10-17) • Parábolas do Reino: grão de mostarda (13,18-19) • Parábolas do Reino: fermento (13,20-21) • Parábolas do Reino: porta estreita (13,22-30) • Intenção de Herodes em matá-lo (13,31-33) • Lamentações sobre Jerusalém (13,34-35)
	A natureza do verdadeiro discipulado	<ul style="list-style-type: none"> • Cura do hidrópico em dia de sábado (14,1-6) • Parábola do banquete: escolha dos lugares (14,7-11) • Parábola do banquete: escolha dos convidados (14,12-14) • Parábola do banquete: convidados que recusaram (14,15-24) • O custo do discipulado: renúncia (14,25-33) • Advertência contra infidelidade (14,34-35)
	Parábolas sobre misericórdia	<ul style="list-style-type: none"> • A ovelha perdida (15,1-7) • A dracma perdida (15,8-10) • O pai misericordioso (15,11-32)
	O perigo das lealdades extraviadas	<ul style="list-style-type: none"> • Parábola do administrado infiel (16,1-8) • Sobre o dinheiro: fiel no pouco (16,9-15) • Sobre a Lei: validade das escrituras (16,16-18) • Parábola do homem rico e Lázaro (16,19-31)
	Vivendo o Reino de Deus	<ul style="list-style-type: none"> • Atitudes do discípulo na comunidade: escândalo, correção fraterna, grão de mostarda, servos inúteis (17,1-10) • Cura dos dez leprosos: gratidão (17,11-19) • Dia do Filho do homem (17,20-37)
	Atitudes para com o Reino	<ul style="list-style-type: none"> • Parábolas da viúva importuna (18,1-8) • Parábola do fariseu e do publicano (18,9-14) • Jesus e as crianças 18,15-17 • O homem rico 18,18-30 • Terceiro anúncio da paixão (18,31-34) • O cego de Jericó 18,35-43 • Zaqueu (19,1-10) • Parábola das moedas de prata (minas) (19,11-27)

Ministério em Jerusalém	Chegada do Messias	<ul style="list-style-type: none"> • Entrada triunfal (19,28-40) • Jesus chora sobre Jerusalém (19,41-44)
	No Templo: crescente hostilidade	<ul style="list-style-type: none"> • Purificação do templo (19,45-47) • Desafio à autoridade de Jesus (20,1-8) • Parábola da vinha: a pedra angular (20,9-19) • Pagar imposto a César (20,20-26) • Perguntas desonestas: a ressurreição (20,27-40) • Messias é filho de Davi (20,41-44) • Perigos do orgulho escribas (20,45-47) • A oferta da viúva (21,1-4)
	A devastação vindoura	<ul style="list-style-type: none"> • Previsão da destruição do templo (21, 5-6) • Sinais e portentos (21,7-11) • Perseguição e resistência (21,12-19) • O cerco a Jerusalém (21,20-24) • O tempo das nações e a vinda do Filho do Homem (21,25-33) • Chamado para a vigilância e a oração (21,34-36) • Ensino no templo (transição para as narrativas da paixão) (21,37-38)
	As horas finais	<ul style="list-style-type: none"> • A traição de Judas (22,1-6) • A Última Ceia (22,7-23) • Quem é o maior: tornar-se servos (22,24-30) • Anúncio da negação de Pedro (22,31-34) • A hora do combate decisivo (22,35-38) • Oração no Getsêmani (22,39-46)
	Prisão e julgamento de Jesus	<ul style="list-style-type: none"> • A prisão de Jesus (22,47-53) • Jesus e Caifás: a negação de Pedro (22,54-62) • Primeiros ultrajes (22,63-65) • Diante do Sinédrio (22,66-71) • Diante de Pilatos (23,1-5) • Diante de Herodes (23,6-12) • Novamente ante Pilatos (23,13-16[17]) • Pilatos condena Jesus (23,18-25)
	A crucificação de Jesus	<ul style="list-style-type: none"> • Simão de Cirene carrega a cruz (23,26) • Palavras de Jesus às filhas de Jerusalém (23,27-31) • A crucificação (23,32-38) • Jesus e os dois malfetores (23,39-43) • A morte de Jesus (23,44-49) • José de Arimateia enterra Jesus (23,50-56)
	A ressurreição e resposta	<ul style="list-style-type: none"> • As mulheres e Pedro no túmulo vazio (24,1-12) • Os discípulos de Emaús (24,13-35) • Aparição aos apóstolos (24,36-43) • Últimas instruções aos apóstolos (24,44-49) • A ascensão de Jesus (24,50-51) • A resposta de alegria e adoração (24,52-53)

COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

A personalidade cativante do autor do terceiro evangelho transparece continuamente em toda a sua obra.

O estilo do grego usado no prólogo (Lc 1,1-5) é considerado um clássico da época. O próprio costume de escrever prólogos,

dedicando o livro era costume entre os grandes escritores. Lucas segue o modelo dos prólogos dos historiadores helenistas.

O prólogo de Lucas dá a impressão de que escreve predominantemente como historiador, mas o respeito de Lucas para com as suas fontes não pôde dar ao seu evangelho um arranjo histórico. Lucas entrelaça o seu relato com datas da historiografia profana, mas com a intenção de dar ao seu evangelho um sentido encarnacionista, e não histórico. Ele segue a grande tradição narrativa hebraica de suas fontes.

Os destinatários reais do evangelho de Lucas são leitores desligados das questões judaicas, oferecendo uma mensagem mais acessível a leitores de origem pagã. Escreve para uma comunidade já curada da ansiedade de aguardar uma parusia iminente, uma comunidade de cristãos firmes, que vivem no seu dia a dia a crescente perseguição por parte dos judeus e dos romanos, para que seus leitores “verifiquem a solidez do ensinamento que receberam” (cf Lc 1,4), ou seja, fortaleçam a fé.

O evangelho de Lucas possui dupla introdução, notável por sua construção em blocos paralelos: infância de João (Lc 1,5-80) e infância de Jesus (Lc 2,1-52), batismo de João e batismo de Jesus, permanência no deserto por João e permanência no deserto por Jesus (Lc 3). Constrói assim um díptico de correspondências rigorosas entre João e Jesus, entre Isabel e Maria, balizando-os com três hinos em estilo bíblico.

Por meio de pequenos retoques, omissões ou adições, Lucas apresenta a mensagem evangélica de um modo que lhe é próprio:

- atenuando o que poderia melindrar a sensibilidade dos seus leitores, como o juízo pessimista de Marcos contra os médicos (Lc 8,43 comparado com Mc 5,26) ou evitando por completo, como a omissão de Mc 9,43-48 (os escândalos) ou de Mc 13,32 (incerteza do dia do juízo final);
- evitando o que poderia ser menos inteligível aos seus leitores pagãos, como a omissão de Mc 15,34 (grito aramaico na cruz), de Mc 9,11-13 (questão sobre Elias) ou de Mt 5,21ss (detalhes da Lei deuteronomica);
- poupando a pessoa dos apóstolos, ora omitindo como em Mc 4,13, em Mc 8,32s, em Mc 9,28s ou em Mc 14,50, ora desculpando-os como em Lc 9,45, em Lc 18,34 e em Lc 2,45;

- interpretando termos obscuros como em Lc 6,15 () ou precisando a geografia palestina como em Lc 4,31, em Lc 19,28s.37 ou em Lc 23,51 ();
- omitindo episódios por já estarem representados através de outra fonte, como a omissão de Mc 12,28-31 (o grande mandamento) já absorvido de Mt 22,34-40

Há no evangelho de Lucas uma grande omissão de sua fonte marciana, de Mc 6,45–8,26. A explicação provável seria por pensar que fosse uma duplicata.

Há também uma grande adição, em Lc 9,51–18,14. Essa grande adição provinha de uma coleção de Logia, e que o autor lucano concentrou na seção intermediária de seu evangelho, as vezes chamada de “pereiana”. Essa grande adição é apresentada na forma de uma grande viagem ascensional, da Galiléia para Jerusalém, a qual não se deve interpretar como a recordação real de diversas viagens, mas sim uma intenção de fundo teológico de Lucas.

O coração de seu evangelho se dá no centro nessa adição, no capítulo 15, onde se encontram as três parábolas da misericórdia. Elas revelam, na figura de Jesus, a pedagogia do Pai, em buscar o que estava perdido, que se torna objeto de preocupação principal, e no encontro do perdido, a alegria do reencontro.

Essa viagem ascensional até Jerusalém continua, no final de seu evangelho, agora da cruz para o céu. Só Lucas descreve a ascensão em detalhes (Lc 24,51s; At 1,6-11), apenas citada por Marcos (Mc 16,19) nem referenciada por Mateus.

DOUTRINA

É o **EVANGELHO DA MISERICÓRDIA**. Ressalta a misericórdia do Mestre para com os pecadores (Lc 15,1s: pecadores se aproximam dele; Lc 15,7.10: alegria pelo pecador arrependido) e narrando cenas de perdão (Lc 7,36-50: pecadora perdoada; Lc 15,11-32: parábola do pai misericordioso; Lc 19,1-10: Zaqueu; Lc 23,34.39-43: perdão aos que o crucificaram e ao bom ladrão). Insiste na ternura de Jesus para com os humildes e pobres, tratando severamente os orgulhosos e ricos (Lc 1,51-53: Magnificat; Lc 6,20-26: bem-aventuras; Lc 12,13-21: não entesourar; Lc 14,7-11: primeiros lugares; Lc 16,14s:

fariseus amigos do dinheiro; Lc 16.19-31: o rico e o pobre Lázaro; Lc 18,9-14: o fariseu e o publicano). Entretanto a condenação não virá senão depois da paciente espera da misericórdia (Lc 13,6-9: parábola da figueira, comparada com Mc 11,12-14). Insiste no desapego (Lc 14,25-34: renunciar a tudo) e no abandono das riquezas (Lc 6,34s: emprestar sem esperar; Lc 12,33: bens aos pobres; Lc 14,12-14: escolha dos convidados; Lc 16,9-13: bom emprego do dinheiro).

É o **EVANGELHO A UNIVERSALIDADE DA SALVAÇÃO**.

Diferente de Mateus, faz a genealogia de Cristo de cunho mais universal, remontando de Abraão até Adão (Lc 3,23-38), abrindo a salvação de Jesus a todo homem. Sua pregação se abre aos pagãos (Lc 6,17ss: multidão de Tiro e Sidônia; Lc 8,26-39: endemoninhado geraseno), aos pecadores (Lc 15,1s: pecadores se aproximam dele; Lc 7,36-50: pecadora perdoada; Lc 19,1-10: Zaqueu). Na ótica de Lucas a salvação de Deus se torna universal. A todas as pessoas é oferecida a salvação. A semelhante oportunidade de crer que Jesus deu à Galiléia, deu-o também à Jerusalém, apesar das respostas diferentes quanto à conversão.

É o **EVANGELHO DA VALORIZAÇÃO DA MULHER**. Nota-se uma preocupação de Lucas pela valorizando da atuação da mulher na história da salvação. É uma característica corajosa, tendo em vista a situação destas naquela sociedade. Refere-se a Ana, Isabel (Lc 1,5-7.24.39-45), as mulheres que acompanhavam os Apóstolos (Lc 8,1ss), Maria e Marta de Betânia (Lc 10,38-42), a viúva de Naim (Lc 7,11-17); a mulher da multidão, que exaltou a mãe de Cristo (Lc 11,27), as mulheres na via sacra (Lc 23,27-31), as mulheres aos pés da cruz (Lc 23,49.55s), as mulheres, primeiras testemunhas da ressurreição (Lc 24,1-10). E num lugar todo especial está Maria, Mãe de Jesus. É o **EVANGELHO DE MARIA**. Dá-lhe tantos detalhes de sua vida que muitas vezes se pensou que a tivesse entrevistado antes de escrever. Em Lucas, Maria é serva de total confiança, e pauta sua vida pela disponibilidade e solidariedade.

É o **EVANGELHO DO ESPÍRITO SANTO**. Nele o Espírito Santo ocupa um lugar de primazia só sublinhado por Lucas. Ele guia toda a missão de Jesus. A ação do Espírito Santo está explícita em Lc 1,15 (anjo à Isabel), Lc 1,35 (anjo a Maria), Lc 1,41 (visitação) e Lc 1,67 (Benedictus), Lc 2,25-27 (Simeão), Lc 3,21s (batismo de Jesus), Lc 4,1 (tentação no deserto), Lc 4,14 (inaugura pregação), Lc 4,18 (profecia de Isaías), Lc 10,21 (evangelho revelado aos simples), Lc 11,13.(eficácia da oração) e em Lc 24,49 (promessa do Espírito). O

término de seu evangelho, com a promessa do envio do prometido do Pai, prenuncia a ação dominante do Espírito Santo nos Atos dos Apóstolos.

É o **EVANGELHO DA ALEGRIA**. Há uma atmosfera de alegria espiritual e gratidão a Deus que envolve todo o terceiro evangelho, evidente em Lc 2,14 (anjos aos pastores), Lc 5,26 (cura do paralítico), Lc 10,17 (retorno da missão dos discípulos), Lc 13,17 (mulher encurvada), Lc 18,43 (cego de Jericó), Lc 19,37 (entrada messiânica em Jerusalém), Lc 24,51s (ascensão).

É o **EVANGELHO DE JERUSALÉM**. Há uma insistência proposital numa idéia teológica cara a Lucas: a Cidade Santa, Jerusalém. Nela tudo começou (Lc 1,5ss: anúncio do nascimento de João Batista). Jerusalém é ponto centrípeto (centralizador) onde se realizará a salvação (Lc 9,31: transfiguração; Lc 13,33: resposta a Herodes; Lc 18,31: terceiro anúncio da paixão; Lc 19,11: próximo à Jerusalém) e ponto centrífugo (dispersante) de onde deve partir a evangelização do mundo (Lc 24,47: últimas instruções; At 1,8: promessa do Espírito na ascensão). Propositalmente omite as aparições e encontros do ressuscitado na Galiléia (Lc 24,13-51: aparições do ressuscitado, comparado com Mt 28, 16-20: aparição do ressuscitado na Galiléia), e modificando o texto de sua fonte marciana (Mc 16,7: o ressuscitado os precede na Galiléia, paralelo a Mt 28,7, comparado com Lc 24,6: lembrai-vos quando vos falou na Galiléia).

É o **EVANGELHO DE PARA O JUDEU PRIMEIRO**. Lucas conscientemente constrói seu livro para soar como a escritura judaica. Nas narrativas do nascimento e da infância, há perícopes que soam como um salmo. Embora o próprio Jesus não vá para os gentios durante sua vida pública, algo que Lucas vai esperar até o Atos para nos mostrar, já no início do Evangelho Simeão prevê isso. Há a piedade da Sagrada Família: somente Lucas nos fala sobre a circuncisão de Jesus (Lc 2,21), apenas Lucas nos diz que a família de Jesus seguiu a lei de Moisés e o levaram a Jerusalém para apresentá-lo ao Senhor (Lc 2,22), oferecendo o sacrifício prescrito na Lei. Repetidas vezes vemos Jesus na sinagoga aos sábados. Repetidamente, Lucas quer retratar a família de João Batista, a Sagrada Família de Jesus e o próprio Jesus, como sendo todos bons judeus que honram o templo, que guardam a lei, que fazem tudo o que se espera de um bom judeu. Não surpreende ser esse um tema insistente do livro de Atos: “para o judeu primeiro”.

É o **EVANGELHO DO PROFETA MARTIRIZADO**. Ao contrário da abordagem teológica de Marcos, que acredita que a morte de Jesus foi um resgate pelo pecado do mundo (Mc 10,45), dando a sua vida em resgate de muitos, essa abordagem nunca é encontrada em Lucas. De fato, não se encontra nada em Lucas que identifique a morte de Jesus como sendo uma expiação pelos pecados, porque Lucas não considera a morte de Jesus como um resgate na maneira que Marcos e Mateus o fazem. O significado da morte de Jesus em Lucas é o de um profeta mártir. Ele é o profeta inocente que é martirizado por sua profecia, assim como o foi João Batista. Esse significado se repete em Atos, em Estevão, em Pedro, em Paulo.

REFERÊNCIAS

Os Evangelhos Sinóticos: Introdução

Bíblia de Jerusalém – Edições Paulinas – 1985.

Os Evangelhos Sinóticos: O evangelho segundo são Lucas

Bíblia de Jerusalém – Edições Paulinas – 1985.

Evangelho segundo Lucas: Introdução

Bíblia do Peregrino –Paulus – 2002

A Bíblia passo a passo: Lucas

Isidoro Mazzarollo – Edições Loyola – 1994

Notas para aula de Introdução ao Evangelho de Lucas

Escola de Formação de Agentes de Pastoral – RE1

Diocese de São Carlos